

DESEJO SILENCIADO: uma análise qualitativa e interdisciplinar da sexualidade feminina em conflito com as normas sociais e o etarismo a partir do filme Babygirl

Juliana Carolina de Lima¹

Aracele Maria de Souza²

RESUMO: Este artigo investiga a sexualidade feminina na maturidade, analisando como o etarismo, os tabus em torno das fantasias sexuais e o medo do julgamento social contribuem para a repressão do desejo. A pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, articulando psicanálise, estudos de gênero e sociologia, e se apoia na análise do filme *Babygirl* (2024), protagonizado por Nicole Kidman. A trajetória da personagem Romy ilustra os desafios enfrentados por mulheres maduras que ocupam espaços de poder e, ao mesmo tempo, lidam com normas culturais que silenciam sua sexualidade. O estudo evidencia como a internalização dessas restrições leva à autocensura e ao esvaziamento do desejo, perpetuando a ideia de que a sexualidade feminina tem prazo de validade. Além de identificar os mecanismos que sustentam essa repressão, o artigo propõe reflexões sobre formas de ressignificar a vivência erótica na maturidade, promovendo um olhar mais inclusivo e libertador sobre o desejo feminino. Ao romper com os discursos que limitam sua autonomia sexual, a mulher madura pode reafirmar sua capacidade de desejar, fantasiar e vivenciar sua sexualidade de forma plena e autêntica, independentemente da idade.

Palavras-chave: Sexualidade feminina. Etarismo. Desejo. Fantasia Sexual. Normas sociais.

ABSTRACT: Este artículo investiga la sexualidad femenina en la madurez, analizando cómo el etarismo, los tabúes en torno a las fantasías sexuales y el miedo al juicio social contribuyen a la represión del deseo. La investigación adopta un enfoque interdisciplinario,

¹ Pós-graduada em Sexualidade Humana pela Faculdade Famart. E-mail: juliana1604lima@gmail.com

² Professora orientadora do estudo e do artigo. Professora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart, Itaúna-MG. Mestra e Doutora em Ciências.

articulando psicoanálisis, estudios de género y sociología, y se apoya en el análisis de la película *Babygirl* (2024), protagonizada por Nicole Kidman. La trayectoria de la personaje Romy ilustra los desafíos enfrentados por mujeres maduras que ocupan espacios de poder y, al mismo tiempo, lidian con normas culturales que silencian su sexualidad. El estudio evidencia cómo la internalización de estas restricciones conduce a la autocensura y al vaciamiento del deseo, perpetuando la idea de que la sexualidad femenina tiene fecha de caducidad. Además de identificar los mecanismos que sostienen esta represión, el artículo propone reflexiones sobre formas de resignificar la vivencia erótica en la madurez, promoviendo una mirada más inclusiva y liberadora sobre el deseo femenino. Al romper con los discursos que limitan su autonomía sexual, la mujer madura puede reafirmar su capacidad de desear, fantasear y vivir su sexualidad de manera plena y auténtica, independiente de la edad.

Palabras llave: Sexualidad Femenina. Edadismo. Deseo. Fantasía Sexual. Normas sociales.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar os impactos das normas sociais e culturais na sexualidade de mulheres maduras³, investigando como o etarismo, os estigmas associados a fantasias sexuais e o medo do julgamento social afetam sua vivência sexual. A pesquisa busca compreender de que forma esses fatores contribuem para a repressão dos desejos femininos e para a manutenção de tabus que dificultam o exercício pleno da sexualidade nessa fase da vida. Além disso, propõe caminhos para a ressignificação da sexualidade feminina, destacando a importância do autoconhecimento, da terapia sexual e da aceitação do desejo como elementos centrais desse processo.

³ A opção pelo termo “mulher madura” em vez de “mulher de meia-idade” deve-se à busca por um termo que ressoe de maneira mais positiva e empoderadora. “Madura” traz a ideia de experiência e desenvolvimento, ao passo que “meia-idade” frequentemente carrega conotações negativas, ligadas à ideia de um estágio de vida decadente. Além disso, “mulher madura” se alinha ao que, no Brasil, era chamado de “balzaquiana”, um termo que evocava uma fase da vida feminina repleta de sabedoria e autoconhecimento. Para fins deste estudo, a mulher madura é definida como aquela que está na faixa etária entre 45 e 60 anos, um período que transita entre a fase adulta e a chegada à terceira idade, caracterizando um momento de intensa ressignificação e autodescoberta.

A metodologia adotada é qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica interdisciplinar, com referências da psicanálise, dos estudos de gênero e da sociologia. Além disso, será realizada uma análise do filme *Babygirl* (2024), protagonizado por Nicole Kidman, que ilustra, por meio da ficção, os dilemas enfrentados por mulheres maduras em relação ao desejo e à sexualidade. Essa abordagem permite identificar padrões e discursos que reforçam a invisibilização da sexualidade feminina após determinada idade e, ao mesmo tempo, apontar alternativas para sua reinvenção. O estudo também se vale de referências simbólicas, como o mito de Lilith e a deusa Hécate, para enriquecer a reflexão sobre o desejo feminino e a transformação da sexualidade ao longo da vida.

A justificativa para este estudo reside na necessidade de desconstruir a ideia de que o desejo feminino tem um prazo de validade e que a maturidade é incompatível com uma sexualidade plena e diversa. A sociedade impõe restrições e silenciamentos à expressão sexual das mulheres, tornando a repressão do desejo um fenômeno tanto social quanto subjetivo. A partir das contribuições de teóricas como Ana Suy, Esther Perel e Sri Prem Baba, esta pesquisa investiga não apenas os mecanismos que perpetuam essa repressão, mas também estratégias para que a mulher madura possa resgatar sua autonomia sexual e vivenciar o prazer de forma genuína, sem culpa ou medo do julgamento.

A questão central que orienta esta investigação é: por que a sexualidade feminina, especialmente na maturidade, continua sendo alvo de repressões, tabus e estigmatização? Partindo dessa problematização, o estudo explora como fatores socioculturais e psíquicos constroem barreiras que limitam o desejo feminino, levando muitas mulheres a internalizar normas que as afastam de sua própria sexualidade. Conforme apontado por Friedrich Nietzsche em *Sobre a Genealogia da Moral* (2018), a moral tradicional, especialmente a de matriz cristã, transformou os instintos humanos em algo passível de culpa, estabelecendo um modelo de repressão que se perpetua ao longo da história. No caso das mulheres, esse controle sobre o corpo e o desejo reforça uma lógica de poder que as coloca em uma posição de subordinação.

No contexto contemporâneo, produções culturais desempenham um papel crucial na problematização dessas questões. O filme *Babygirl* (2024) oferece um exemplo significativo ao apresentar a história de Romy, uma mulher madura que enfrenta os desafios impostos pela sociedade em relação à sua sexualidade e desejos. Sua trajetória

evidencia como o medo do julgamento pode levar à repressão do desejo e como a falta de espaço para o diálogo sobre o tema contribui para a manutenção de tabus.

Ao longo deste estudo, serão discutidas as implicações do silenciamento dos desejos femininos, especialmente para mulheres que ocupam espaços de poder ou que não se enquadram nos padrões convencionais de feminilidade. A interseção entre sexualidade, idade e poder revela nuances importantes sobre como a sociedade define o que é aceitável ou condenável na experiência erótica feminina. Com base nesse panorama, busca-se fomentar uma reflexão crítica sobre a necessidade de desconstrução de estigmas, promovendo uma visão mais inclusiva da sexualidade na maturidade.

Assim, esta pesquisa propõe um debate que ultrapassa o campo acadêmico e se insere em um contexto social mais amplo, incentivando mulheres a se reconectarem com sua sexualidade e a questionarem os discursos que as limitam. Romper com os padrões restritivos e reconhecer o desejo como parte inerente da experiência humana são passos fundamentais para uma vivência mais autêntica e livre da sexualidade feminina, independentemente da idade.

2 DESENVOLVIMENTO

Babygirl (2024), dirigido por Halina Reijn, acompanha Romy (Nicole Kidman), uma mulher de meia-idade que construiu uma vida segura e respeitável. Casada há anos e mãe de duas filhas adolescentes, ela ocupa uma posição de autoridade em sua profissão, admirada por sua competência e controle. Contudo, por trás dessa fachada, Romy reprime desejos sexuais que, aos poucos, começam a emergir. Seu encontro com Samuel, um jovem estagiário, desperta nela uma possibilidade de se expressar de forma mais livre. O relacionamento se torna um espaço de experimentação, mas também de conflito, à medida que Romy enfrenta os limites impostos por ela mesma aos seus impulsos. *Babygirl* traça um retrato provocativo sobre a sexualidade, o etarismo e os dilemas da mulher madura diante de seus próprios desejos reprimidos.

A experiência de Romy é um reflexo das transformações que muitas mulheres enfrentam ao longo da vida. Com o passar dos anos, as mulheres atravessam um período de reavaliação e, frequentemente, de desconforto em relação à sua própria sexualidade. A menopausa, mudanças hormonais e a transição para uma nova fase da vida podem gerar

uma sensação de distanciamento do desejo e da liberdade sexual vivida em idades anteriores ou nunca vividas. Essa fase da vida, marcada por transformações no corpo e no contexto social, é frequentemente associada à perda da vitalidade sexual, criando um espaço onde questões de identidade e desejo podem emergir de maneira conflitante.

Historicamente, a sexualidade feminina foi moldada por normas culturais que a associam à repressão e à subordinação. Desde o pensamento grego antigo, a mulher foi vista como um ser mais próximo da irracionalidade, tendo seus desejos frequentemente controlados e silenciados. Filósofos como Platão e Aristóteles estabeleceram uma hierarquia que colocava o corpo feminino como algo a ser submisso à razão masculina, uma visão que influenciou, ao longo dos séculos, a construção de uma sexualidade feminina regida pela moralidade e pelo controle. A ideia de que a mulher deveria ser a “outra” — o ser subordinado — moldou a percepção de seu desejo, muitas vezes visto como algo a ser reprimido.

Mesmo na contemporaneidade, a sexualidade das mulheres mais velhas continua sendo vista com estranhamento ou desqualificação. No entanto, filmes como *Babygirl* e o trabalho de autoras como Naomi Wolf e Simone de Beauvoir começam a desafiar essas noções. A reinvenção do desejo feminino, especialmente na maturidade, se apresenta como um campo de resistência ao patriarcado e suas construções sobre a sexualidade. As mulheres maduras, como Romy, ainda podem reivindicar o prazer e a liberdade sexual, rompendo com os padrões que historicamente lhes foram impostos.

Ao longo deste artigo, será discutido como essas transformações de desejo nas mulheres maduras, embora ainda envoltas por desafios culturais e sociais, podem encontrar espaço para se expressar e ser ressignificadas. O objetivo é analisar como essa nova fase da sexualidade feminina é, aos poucos, reconquistada, e como figuras como Romy representam essa luta por autenticidade e liberdade sexual.

2.1 Sexualidade Feminina e Maturidade

A sexualidade feminina, em diferentes etapas da vida, é influenciada por normas culturais que regulam o corpo, o desejo e o comportamento. Para as mulheres maduras, essas normas são particularmente opressivas, pois associam a juventude à vitalidade sexual e relegam o envelhecimento feminino ao campo da invisibilidade. De

acordo com Naomi Wolf, “a juventude é comercializada como um padrão inalcançável, uma meta que exige das mulheres o sacrifício de suas vidas para sustentar a ilusão de desejo e beleza” (O Mito da Beleza, 1991). Essa idealização da juventude impacta diretamente a percepção que as mulheres têm de si mesmas, de seus corpos e de sua capacidade de desejar e serem desejadas.

No filme *Babygirl*, Romy é uma mulher madura que enfrenta o peso dessas expectativas. Sua posição como uma figura de poder e sua idade parecem afastá-la das representações convencionais de feminilidade sensual, mesmo tendo os atributos físicos que a colocariam em local privilegiado na prateleira do amor⁴. Contudo, sua jornada no filme evidencia uma realidade universal: o desejo não se extingue com a idade. Pelo contrário, ele pode se tornar mais complexo, profundo e, paradoxalmente, mas silenciado.

O etarismo, entendido como a discriminação baseada na idade, impõe limites rígidos à vivência da sexualidade feminina na maturidade. Simone de Beauvoir (1970), na obra ‘A Velhice’, argumenta que o envelhecimento feminino é culturalmente construído como um processo de perda, em contraste com a masculinidade, que frequentemente é exaltada com o passar dos anos. Esse processo leva à marginalização da mulher madura, que passa a ser percebida como assexuada ou desvinculada do desejo.

Freud, ao discutir a sexualidade feminina, reconhece que a repressão dos impulsos sexuais não é um fenômeno exclusivo da juventude, mas um mecanismo psíquico que acompanha toda a vida. No entanto, ele aponta que a maturidade pode intensificar essa repressão, especialmente em sociedades que vinculam o desejo à fertilidade e à juventude. A “castidade imposta” pela cultura se manifesta na forma de recalques inconscientes, que não somente limitam a expressão do desejo, mas também reforçam sentimentos de inadequação e culpa (Freud, [1905],1996). Assim, a mulher madura não somente enfrenta o apagamento social de sua sexualidade, mas também lida com conflitos internos resultantes de uma longa história de repressões.

⁴ No livro *Prateleira do Amor*, a autora Valeska Zanello aborda os estereótipos e expectativas impostas às mulheres em diferentes fases da vida. Ela descreve as mulheres que estão no topo da “prateleira” como aquelas que atendem aos padrões convencionais de beleza, com traços simétricos, pele clara e sem imperfeições, olhos claros, cabelos lisos ou levemente ondulados, corpo magro, alta estatura e aparência considerada idealizada pela sociedade. (Zanello, 2022)

Esse duplo aprisionamento – externo, imposto pela cultura, e interno, operado pelo psiquismo – sustenta a ideia de que a mulher deve aceitar a diminuição do desejo como um aspecto “natural” da idade, quando, na realidade, esse desejo pode se transformar, mas não necessariamente desaparecer.

Contudo, Sri Prem Baba (2017) nos lembra que o amor e o desejo não estão vinculados a padrões externos, mas à capacidade interna de conexão e entrega. Segundo ele, “quando nos desconectamos de nossa essência, passamos a buscar fora aquilo que já habita em nós” (Amar e ser livre, 2017). Essa perspectiva propõe uma ressignificação do desejo na maturidade, não como um reflexo do olhar externo ou da validação social, mas como um movimento autêntico de reconexão consigo mesma. Romy, assim como tantas outras mulheres, encontra-se no dilema entre seguir os imperativos sociais que silenciam sua sexualidade ou resgatar sua potência desejante plenamente. A superação desse impasse passa, portanto, por uma jornada de autoconhecimento, onde o desejo pode ser visto não como algo que se perde com a idade, mas como uma força que se transforma e amadurece com a mulher.

“A sexualidade não é uma fase da vida. Ela é uma parte integral da nossa existência. Não importa a idade, ela continua a ser uma fonte de prazer, de descoberta e, sim, de criação de significado. O que muda ao longo do tempo não é a intensidade do desejo, mas as formas de expressá-lo.” (Perel, 2019, p. 37)

A figura da mulher madura carrega uma dualidade nas representações culturais. De um lado, ela pode ser vista como símbolo de sabedoria e força, como nos arquétipos de Mulheres que Correm com os Lobos (Estés, 1992), onde a mulher velha é uma guardiã do conhecimento intuitivo e da liberdade. Por outro, é marginalizada como um corpo em decadência, como sugere Ruether (1993) em Sexismo e Religião, evidenciando como a tradição patriarcal desvaloriza a mulher que já não se encaixa nos padrões de juventude e reprodução.

Essa ambivalência também aparece na figura mitológica de Lilith. Diferente de Eva, que simboliza a obediência e a maternidade, Lilith representa a autonomia e a insubmissão. No mito, ao recusar uma posição de submissão, ela se torna um símbolo da mulher que desafia as normas e reivindica seu desejo fora dos limites estabelecidos. A imagem de Lilith ecoa a jornada da mulher madura, que, ao se desvincular das expectativas de recato e apagamento, pode resgatar sua sexualidade como parte essencial de sua

identidade. Como observa Rosemary R. Ruether (2003), muitas mulheres internalizam ideais de pureza e submissão e, ao confrontá-los, enfrentam medo e rejeição.

A resignificação da sexualidade na maturidade, portanto, passa por um processo de libertação dos mitos que associam desejo exclusivamente à juventude. Ao reivindicar o direito ao prazer e ao desejo, a mulher não apenas questiona as normas que a marginalizam, mas também redefine seu próprio lugar no mundo.

2.2 Fantasias Sexuais e o Medo do Julgamento

As fantasias sexuais desempenham um papel essencial na construção do desejo e do prazer, permitindo que o indivíduo explore suas necessidades e aspirações de forma simbólica. No entanto, a sociedade frequentemente julga e estigmatiza fantasias que fogem das normas, rotulando-as como parafilias⁵ ou desviantes. Segundo Michel Foucault (1976), em *História da Sexualidade*, a repressão sexual é uma forma de controle social, que rotula determinados comportamentos como patológicos para manter a ordem moral.

Sigmund Freud, ao estudar o desejo e as parafilias, reconheceu que a sexualidade humana é marcada por impulsos inconscientes que nem sempre se alinham às expectativas sociais. Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade [1905]* (1996), ele argumenta que o desejo não é regido por normas fixas, mas por forças inconscientes que se manifestam de diversas formas. Para Freud, muitas das fantasias que a sociedade considera desviantes são apenas expressões naturais da sexualidade humana, que foram reprimidas ao longo da história. Essa repressão, longe de eliminar o desejo, frequentemente o desloca para o inconsciente, criando um terreno fértil para a culpa e o conflito psíquico.

Fantasias sexuais muitas vezes desafiam as normas sociais e, consequentemente, são alvo de repressão, especialmente quando estão relacionadas a aspectos do poder, controle e submissão. Nietzsche, em *Sobre a Genealogia da Moral* (2018), nos oferece uma chave para entender essa dinâmica, ao argumentar que a moral

⁵Parafilias são padrões de comportamento sexual no qual a atração é dirigida a objetos, situações ou indivíduos atípicos ou incomuns. Fantasias parafilias são aquelas que envolvem tais preferências, podendo incluir práticas ou desejos que fogem das normas convencionais de sexualidade, mas que, em muitos casos, não causam danos ao indivíduo ou a outros. A diferença entre uma fantasia e uma parafilia clínica é que a primeira não necessariamente interfere no funcionamento social ou emocional da pessoa, enquanto a segunda pode ser associada a comportamentos prejudiciais ou a dificuldades de controle do desejo. (Freud, 2010)

tradicional – especialmente a moral cristã – construiu uma visão de mundo onde os instintos e os desejos são vistos como impuros, precisando ser negados para alcançar uma “virtude”⁶ idealizada. Esse processo de negação dos impulsos naturais cria um ciclo de culpa, onde o prazer é muitas vezes encarado como um pecado, algo a ser reprimido e ocultado.

Esse conflito entre desejo e repressão não é somente teórico, mas se reflete visceralmente na vida cotidiana, como vemos no filme *Babygirl* (2024). Romy, a protagonista, vive esse dilema ao navegar por suas próprias fantasias em um casamento onde, aparentemente, não há espaço para expressar sua sexualidade de maneira plena. Sua posição de poder no ambiente social e profissional contrasta com o desejo de submeter-se dentro de suas fantasias. O paradoxo aqui, como Nietzsche indicaria, está na internalização da moral repressiva, que faz com que Romy se sinta culpada por desejar o que, na verdade, deveria ser somente uma expressão legítima de seu desejo. A moral repressiva, ao negar os instintos, cria uma luta interna, em que o desejo só pode existir se for negado, algo que Romy enfrenta dolorosamente em sua trajetória.

O conflito interno é algo que a personagem tenta resolver, mas a luta contra a moralidade repressiva é, como Nietzsche sugere, uma das maiores dificuldades que o ser humano enfrenta ao tentar viver seus desejos. No caso das mulheres, a repressão é ainda mais severa, uma vez que suas sexualidades foram historicamente moldadas dentro de um ideal de pureza e passividade. O desejo de ser controlada, comum em muitas fantasias femininas, reflete esse embate entre a busca pela autonomia e a entrega ao poder dentro de um espaço seguro e privado da fantasia.

Sri Prem Baba, em *Amar e Ser Livre* (2017), amplia essa reflexão ao abordar como o medo e a culpa aprisionam a experiência do desejo. Segundo ele, a repressão dos sentimentos e das fantasias cria um ciclo de sofrimento que impede a verdadeira liberdade. Ele aponta que a sexualidade, quando vivida com consciência e amor, pode ser um portal para a cura e o autoconhecimento, mas, para isso, é necessário reconhecer e acolher os

⁶ Virtude aqui não é uma qualidade moral universal, mas uma construção histórica ligada a relações de poder, dividida entre a virtude dos mestres, associada à afirmação da vida, força e autossuficiência, e a virtude dos escravos, ligada à submissão, negação dos instintos e ressentimento. Este conceito reflete a dinâmica de poder e não um valor moral absoluto. (Nietzsche, 2018)

próprios desejos sem julgamento. Prem Baba defende que a libertação do prazer não está na negação, mas no entendimento de que o desejo pode ser vivido sem culpa, desde que alinhado com a verdade interior de cada indivíduo.

Essa visão dialoga com a trajetória de Romy no filme, pois sua repressão não está somente ligada às normas sociais externas, mas também à maneira como ela mesma se enxerga. Como sugere Sri Prem Baba (2017), muitas vezes projetamos no outro a origem dos nossos bloqueios, quando, na verdade, a chave para a liberdade está em olhar para dentro e transformar a relação que temos com nossos próprios desejos.

Esther Perel (2006), ao explorar a inteligência erótica⁷, destaca que a verdadeira liberdade sexual passa pelo reconhecimento e pela aceitação das nossas fantasias, em vez de tentar eliminá-las ou suprimi-las. Perel sugere que as fantasias, longe de serem simplesmente fantasias de poder ou controle, representam desejos profundamente ligados ao que a pessoa precisa para se sentir viva, desejada e conectada. Ela enfatiza que a repressão dessas fantasias muitas vezes vem do medo do julgamento, especialmente no caso das mulheres, que são culturalmente pressionadas a “esconder” seus desejos. Para ela, o desenvolvimento da inteligência erótica está em cultivar uma relação íntima consigo mesma, permitindo-se explorar e compreender essas fantasias sem culpa, já que elas podem ser um reflexo da própria vitalidade e criatividade sexual. Assim, longe de serem algo negativo, as fantasias podem se tornar um caminho para a reaproximação do desejo genuíno e da liberdade sexual.

Essa narrativa reflete uma realidade vivida por inúmeras mulheres, que internalizam o medo de serem julgadas por seus parceiros, pela sociedade e, até mesmo, por si mesmas. Como aponta Shere Hite em Relatório Hite sobre Sexualidade Feminina (1976), “o maior obstáculo para o prazer feminino não é o corpo, mas o julgamento social e cultural que pesa sobre ele”. O desafio, portanto, não está somente em reconhecer as próprias fantasias, mas em libertá-las das amarras morais impostas por uma sociedade que, historicamente, associou a sexualidade feminina ao pecado, à culpa e à repressão.

⁷ Termo criado por Esther Perel, descreve a capacidade de explorar e expressar a sexualidade de forma criativa, mantendo o desejo e a intimidade em um relacionamento, enquanto preserva a autenticidade e a conexão emocional. (Perel, 2006)

2.3 O Silenciamento do Desejo Feminino: pressões culturais e desafios pessoais

O casamento, enquanto instituição social, muitas vezes reforça normas que limitam a sexualidade feminina. A personagem Romy, em *Babygirl* (2024), é apresentada como uma mulher de sucesso, mas que carece de espaço para falar sobre suas necessidades emocionais e sexuais. Essa dinâmica evidencia um paradoxo: quanto mais poder uma mulher conquista em outras esferas de sua vida, mais forte se torna a pressão para que ela se enquadre às expectativas tradicionais em seus relacionamentos íntimos.

Esse paradoxo é refletido pela invisibilidade das mulheres maduras no discurso público sobre sexualidade. Como aponta Naomi Wolf em *O Mito da Beleza* (1991), essa invisibilidade é uma estratégia cultural para afastar as mulheres de sua sexualidade, direcionando-as para papéis de suporte, cuidado e abnegação. Nietzsche (2018), ao abordar o conceito de ressentimento na moralidade, sugere que aqueles privados de poder, desejo ou liberdade acabam internalizando essa privação como um dever moral. Isso perpetua o ciclo de repressão, no qual a mulher madura, ao ser afastada da narrativa do desejo, muitas vezes assume passivamente o apagamento de sua sexualidade.

Enquanto Nietzsche oferece uma crítica contundente às estruturas repressivas, propondo a superação da moralidade tradicional, Sri Prem Baba sugere um caminho de transformação interior para lidar com os bloqueios impostos por essas normas sociais. Em *Amar e Ser Livre* (2017), ele discute como o amor e a sexualidade podem ser vividos de forma mais autêntica quando há um alinhamento entre desejo, verdade interior e consciência. Ele aponta que o medo do julgamento social leva muitas mulheres a se desconectarem de seus próprios corpos e necessidades, tornando-se prisioneiras de um sistema que nega sua sexualidade à medida que envelhecem. Para Prem Baba, a verdadeira libertação não está na rebeldia contra as normas, mas na integração do desejo como parte essencial da jornada espiritual e do autoconhecimento.

A psicanálise de Sigmund Freud também lança luz sobre o silenciamento do desejo feminino, especialmente no casamento. Freud, ao estudar a repressão do desejo e as parafilias, propôs que a sexualidade humana é marcada por impulsos inconscientes frequentemente reprimidos em função de normas sociais e morais. No caso das mulheres,

essa repressão se intensifica devido à construção histórica de que a mulher deve ser submissa, disciplinada e não expressar sua sexualidade de maneira aberta. Como Freud sugeriu, ao reprimir esses desejos, o ser humano cria uma tensão interna que pode se manifestar em distúrbios psíquicos. No casamento, a mulher muitas vezes é ensinada a colocar as necessidades do parceiro e da família acima das suas próprias, resultando na extinção de sua sexualidade e desejos. Esse fenômeno, em muitos casos, cria um ciclo de frustração e disfunção emocional, no qual o desejo feminino se torna uma sombra de si, invisível para os outros e até para a própria mulher.

A psicanalista Esther Perel (1996), ao estudar a dinâmica do desejo em relacionamentos de longo prazo, aponta que a segurança e a previsibilidade do casamento, ainda que essenciais para a intimidade, muitas vezes minam a excitação e a espontaneidade do desejo. Segundo ela, o desejo sexual precisa de um espaço de mistério e autonomia para florescer, algo que o modelo tradicional de casamento frequentemente sufoca. As mulheres, especialmente, são ensinadas a associar o amor à fusão total com o parceiro, o que pode resultar na perda de sua individualidade erótica. Esse aniquilamento não ocorre apenas devido às normas sociais, mas também pela internalização da ideia de que uma mulher casada deve priorizar o vínculo afetivo em detrimento de sua própria liberdade sexual.

Essa perspectiva se conecta diretamente ao arco narrativo de Romy, que luta contra sua própria repressão e o peso das expectativas impostas a ela. O desafio enfrentado pela personagem não é somente externo, mas também interno: ela precisa reconhecer e aceitar seus desejos sem culpa para viver sua sexualidade plenamente. Como sugere Prem Baba (2017), essa transformação não ocorre simplesmente ao questionar normas sociais, mas ao olhar para dentro e compreender o que realmente a impede de se entregar ao prazer sem medo ou vergonha.

Portanto, tanto a crítica filosófica de Nietzsche quanto a abordagem espiritual de Sri Prem Baba, aliadas à visão de Esther Perel sobre o desejo dentro do casamento, ajudam a iluminar o paradoxo vivido por Romy e por tantas mulheres. O casamento e as normas culturais impõem barreiras externas, mas é a internalização dessas regras que, muitas vezes, se torna o maior obstáculo para a vivência plena da sexualidade. Ao

desconstruir esses padrões, surge a possibilidade de uma nova relação com a sexualidade, onde o desejo não é mais sufocado, mas pode coexistir com o amor e a liberdade.

2.4 Caminhos para a Emancipação Sexual de Mulheres Maduras

Para a sexualidade feminina ser vivida plenamente, é essencial romper com as barreiras internas e externas que limitam a expressão do desejo. A repressão do desejo não é apenas um mecanismo social, mas também um processo subjetivo, marcado por angústias e medos que são internalizados ao longo da vida. Como aponta Ana Suy na obra ‘A Gente Mira no Amor e Acerta na Solidão’ (2022), para amar, a gente tem que conseguir sustentar o desejo. No entanto, essa sustentação nem sempre é acessível às mulheres, especialmente quando sua sexualidade é atravessada por normas que ditam como devem se sentir e se comportar.

No resgate da sexualidade feminina madura, Hécate⁸ surge como um arquétipo poderoso. Deusa das encruzilhadas, do conhecimento oculto e da transição, ela representa a mulher que, ao longo da vida, acumula sabedoria e poder, mas que muitas vezes é relegada à invisibilidade, assim como ocorre com a sexualidade feminina após certa idade. No entanto, Hécate não é uma figura submissa: ela detém as chaves dos mistérios e caminha entre mundos, sendo um símbolo da autonomia e da reconexão com a própria essência. Assim como a mulher madura precisa romper com os tabus que a afastam do desejo, Hécate nos lembra que há poder na transformação e que a maturidade pode ser um momento de redescoberta, não de apagamento. Ao assumir sua sexualidade sem culpa, a mulher ressignifica sua história, não mais como alguém que precisa se adequar a normas limitantes, mas como quem escolhe seus próprios caminhos—como Hécate faz ao transitar

⁸ Hécate, filha de Perses e Astéria, uma titã, é uma deusa com um vínculo profundo com o poder, abrangendo tanto o mundo superior quanto os domínios sombrios da existência. Frequentemente acompanhada de cães fiéis e representada com três rostos ou corpos, ela simboliza seu domínio sobre os três mundos: céu, terra e submundo. Ela participou de histórias mitológicas importantes, como a de Perséfone e Deméter, e está conectada com figuras como Circe e Medeia, sendo uma figura essencial nos rituais de transformação e magia. (McLean, 1994)

livremente entre dimensões, guiando aqueles que ousam encarar suas sombras e reconhecer sua própria potência.(McLean, 1994)

Assim como o arquétipo de Hécate sugere um caminho de transformação e reinvenção, a jornada para a emancipação sexual exige também uma libertação interna, um movimento que passa pelo reconhecimento de bloqueios inconscientes. Como destaca Sri Prem Baba, em *Amar e Ser Livre* (2017), onde enfatiza que a repressão do desejo não ocorre somente por fatores externos, mas também por bloqueios internos que precisam ser reconhecidos e transformados. Ele sugere que muitas pessoas carregam padrões inconscientes que limitam a vivência plena das emoções e da sexualidade. No caso das mulheres, esse bloqueio pode aparecer como uma desconexão com o corpo e com o próprio prazer. Prem Baba ressalta que reconhecer essas crenças limitantes é o primeiro passo. Somente ao desapegá-las, a mulher pode encontrar um caminho mais livre e autêntico para viver seu desejo.

Além disso, é necessário desconstruir os tabus em torno da sexualidade feminina madura. Isso inclui não somente a educação sexual para mulheres, mas também a criação de narrativas culturais que celebrem o desejo em todas as idades. Produções como *Babygirl* (2024) desempenham um papel crucial nesse processo, desafiando o público a repensar suas próprias crenças sobre gênero, idade e sexualidade. A personagem Romy, ao lutar contra as restrições impostas a seus desejos, ilustra a necessidade de uma nova abordagem, onde a sexualidade feminina não seja vista como algo com prazo de validade.

Essa necessidade de reinventar a sexualidade feminina na maturidade também é destacada por Esther Perel. Ela sugere que, para ressignificar o desejo nessa fase da vida, é essencial desapegar-se das concepções tradicionais e abrir-se para novas formas de prazer e intimidade. Como ela afirma em *Inteligência Erótica* (2006), “a vida erótica não precisa ser um palácio condenado. Podemos reconfigurar os alicerces, explorar novas dimensões e transformar o desejo em um campo de descoberta contínua”. Essa perspectiva propõe um olhar mais dinâmico sobre a sexualidade, permitindo que as mulheres não apenas aceitem, mas celebrem suas mudanças ao longo do tempo.

Para Sri Prem Baba (2017), essa mudança não acontece somente no nível social, mas também na esfera individual e espiritual. Ele ressalta que a libertação do desejo não significa a busca desenfreada pelo prazer, mas sim a vivência autêntica do que se

sente, sem medo ou vergonha. Segundo ele, a repressão do desejo não prejudica unicamente a vida sexual, mas afeta todas as áreas da vida, bloqueando a energia vital e criando insatisfação emocional e relacional.

A psicanálise freudiana, embora muitas vezes criticada por suas visões limitadas sobre a sexualidade feminina, oferece contribuições importantes para compreender os caminhos para a emancipação sexual das mulheres maduras. Freud, em seu trabalho sobre a sexualidade (2010), propôs que a repressão do desejo sexual seja um fenômeno complexo, profundamente enraizado na estrutura psíquica e nas normas sociais. A partir de suas teorias, é possível entender como as mulheres, ao longo da vida, internalizam os padrões de comportamento sexual impostos pela sociedade, resultando em um distanciamento do desejo autêntico. No entanto, Freud também destaca a importância da repressão como um processo de defesa psíquica, que, ao ser superado, pode permitir o retorno da pulsão sexual. Para as mulheres maduras, esse processo de retomada do desejo, como proposto por Freud, pode ser uma jornada de ressignificação e transformação. Ao enfrentar seus próprios bloqueios e reconhecer os desejos reprimidos, a mulher madura pode alcançar uma nova compreensão de sua sexualidade, libertando-se dos mecanismos de controle que limitam sua expressão erótica. Nesse sentido, a psicanálise freudiana, com sua ênfase no inconsciente e na importância da fala terapêutica, pode ser uma ferramenta crucial para que as mulheres se reconectem com suas fantasias e desejos mais profundos, promovendo a emancipação sexual.

Se Freud nos mostra que a repressão sexual feminina está enraizada na cultura e na formação psíquica desde cedo, Ana Suy e Esther Perel nos fazem refletir sobre como essa repressão pode ser ressignificada e transformada na vida adulta. Esse processo passa, inevitavelmente, pela forma como as mulheres se permitem expressar seus desejos dentro das relações afetivas. A abertura para o diálogo no casamento, por exemplo, torna-se essencial. Romy poderia se beneficiar de um espaço seguro para discutir suas necessidades com o parceiro, promovendo uma relação mais igualitária e satisfatória. A comunicação sincera e o respeito mútuo são fundamentais para a construção de um relacionamento onde ambos possam se expressar plenamente (Prem Baba, 2017), e aliada à desconstrução de preconceitos, pode transformar o casamento em um terreno fértil para a reinvenção do desejo e da intimidade. Perel reforça essa ideia ao afirmar que:

Quando você se abre para um espaço de curiosidade e comunicação, você reinventa sua relação com o outro e consigo mesma. A sexualidade no casamento não precisa ser um ponto de crise, mas uma oportunidade de crescimento e renovação. (Perel, 2019, p. 181)

Ainda assim, mesmo quando há espaço para o diálogo, a sustentação do desejo continua sendo um desafio. A inquietação diante do desejo não se restringe ao medo do julgamento externo, mas também ao desconforto interno que ele pode provocar. Como bem observa Ana Suy (2022), “o desejo sempre é inquietante. Ele é aquilo que não se tem, o que falta, o que escapa”. Essa inquietação, quando silenciada, pode gerar frustrações e distanciamentos, tanto do próprio desejo quanto do parceiro. No entanto, ao ser encarado, o desejo se torna uma força de transformação, permitindo que a mulher madura reivindique sua sexualidade sem culpa ou vergonha.

Dessa forma, ao promover o autoconhecimento, a quebra de crenças limitantes e a reconfiguração das normativas sociais, é possível criar um caminho para uma sexualidade mais livre e autêntica para as mulheres, especialmente as maduras. A aceitação dos próprios desejos, a desconstrução de tabus e a transformação das narrativas culturais que cercam a sexualidade feminina são elementos essenciais nesse processo. Ao romper com os padrões estigmatizantes e libertar-se das imposições externas e internas, a mulher tem a oportunidade de resgatar o prazer e o desejo em sua forma mais genuína, sem as pressões que historicamente lhe foram impostas. Esse movimento de transformação interna e cultural abre espaço para que as mulheres se reconheçam como donas de sua sexualidade, permitindo-lhes viver com mais liberdade e autenticidade.

A terapia sexual, quando integrada a esse processo de autoconhecimento, serve como uma ferramenta valiosa para auxiliar as mulheres a desbloquear suas emoções e desejos, enfrentando os tabus e preconceitos que ainda dominam a narrativa sobre a sexualidade feminina. A obra de Ana Suy (2022) nos lembra que “a gente mira no amor e acerta na solidão”, indicando que, muitas vezes, as mulheres precisam primeiro se reconectar consigo mesmas para poderem se abrir para o amor e o prazer. Essa jornada de autoconhecimento e reconquista do desejo é essencial para que a mulher, no casamento e em qualquer relacionamento, possa viver plenamente sua sexualidade e sua identidade, sem se submeter aos padrões que tentam moldá-la.

A sexualidade feminina madura não precisa ser um campo de renúncias e silenciamentos, mas sim um espaço de descobertas e reinvenções. Se o desejo sempre escapa, como nos lembra Ana Suy (2022), cabe à mulher se permitir buscá-lo continuamente, livre das imposições que por tanto tempo tentaram defini-la.

3 CONCLUSÃO

A reflexão construída ao longo deste estudo revelou que a sexualidade feminina, especialmente na maturidade, é um território marcado por repressões, mas também por possibilidades de ressignificação e liberdade. A imposição de normas sociais, culturais e filosóficas ao longo da história construiu uma narrativa onde o desejo feminino foi condicionado à juventude e à fertilidade, reforçando a ideia de que a mulher madura deveria se afastar do prazer e da expressão de sua sexualidade. Repressão e tabus impostos pela sociedade, que ainda persistem sutilmente, ainda exercem forte influência sobre como a mulher se relaciona com seu corpo e seu desejo. No entanto, ao revisitar essas construções mediante uma perspectiva crítica, compreendemos que o desejo não se apaga com o tempo, mas sim uma dimensão em constante transformação, profundamente ligada à subjetividade e à identidade de cada mulher.

A análise dos discursos filosóficos, psicanalíticos e midiáticos demonstrou que o desejo feminino sempre esteve inserido em uma disputa de poder. Como Foucault (1979) sugere, a sexualidade é um instinto e um campo atravessado por normas e discursos que moldam o que é permitido ou proibido desejar. No entanto, ao trazer a psicanálise e a teoria feminista para o debate, percebemos haver possibilidades de romper com essas limitações. Ana Suy (2023) nos lembra que o desejo é inquietante justamente porque escapa ao controle, e é nessa inquietação que reside seu potencial emancipatório. Ao acolher essa incerteza e reivindicar sua sexualidade como um espaço de prazer e autenticidade, a mulher madura desafia a sociedade e suas próprias crenças limitantes.

Além da dimensão teórica, observamos como a cultura contemporânea desempenha um papel ambíguo na construção da sexualidade feminina. Se, por um lado, a mídia reforça estereótipos e padrões inatingíveis, por outro, ela também tem sido um espaço de resistência, permitindo que novas narrativas sobre o desejo e o prazer na maturidade ganhem visibilidade. Obras como *Babygirl* (2024) e personagens como Romy

mostram que a mulher madura pode ser representada não como ninguém que renuncia à sexualidade, mas como alguém que a redescobre sob novas formas. Essa mudança é essencial para ampliar as possibilidades de identificação e permitir que mais mulheres se enxerguem como sujeitos plenos de desejo.

Por fim, a sexualidade feminina na maturidade não deve ser vista como um resquício do passado, mas como um espaço de contínua descoberta e afirmação. Através do autoconhecimento, da comunicação e da desconstrução dos tabus impostos ao longo da história, a mulher pode reivindicar sua sexualidade como um território de liberdade e potência. A quebra das crenças limitantes e a desconstrução dos estigmas sociais são fundamentais para que a mulher se liberte das pressões e possa viver sua sexualidade de forma mais autêntica e plena. Essa jornada de emancipação não é individual e contribui para transformar os discursos e criar novas possibilidades para as gerações futuras.

4 REFERÊNCIAS

BABYGIRL. Direção de Halina Reijn. Estados Unidos da América: Dimond Films e A24, 2024. Cinema.

BEAUVOIR, Simone de. A Velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade – *Volume I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIDDENS, Anthony. A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HITE, Shere. Relatório Hite sobre Sexualidade Feminina. São Paulo: Best Seller, 1976.

LEAL, José Carlos. A Maldição da Mulher: de Eva aos dias de hoje. Editora DPL, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio: Ensaios Sobre o Individualismo Contemporâneo. Lisboa: Relógio d'Água, 1989.

McLEAN, Alan. A Deusa Tríplice: O Retorno da Deusa Mãe e a Redescoberta do Sagrado Feminino. São Paulo: Pensamento, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a genealogia da moral: um escrito polêmico. Porto Alegre: L&PM, 2018.

PEREL, Esther. Inteligência Erótica: Como Reacender o Desejo Sexual no Casamento e em Relações Duradouras. São Paulo: Objetiva, 2006.

RUETHER, Rosemary Radford. Sexismo e Religião: rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SUY, Ana. A gente mira no amor e acerta na solidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

WOLF, Naomi. O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza São Usadas Contra as Mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

ZANELLO, Valeska. Prateleira do Amor: sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris, 2022.